

“A minha fé não podia depender de os meus filhos se salvarem ou não”

Luis e Almudena são casados e moram em Pamplona. Numa consulta de rotina, a ginecologista detectou uma anomalia. Na semana seguinte, repetiu o ultrassom e mudou de cara: tinham de ir a Barcelona imediatamente. Assim começa uma história de incertezas, amizades e muita fé em Deus.

Uma alegria a dobrar

Luis Esteban e Almudena são dois madrilenos que casaram em julho de 2021. Atualmente moram em Pamplona. Luis tem 33 anos, é engenheiro; Almudena, de 29, é doutorada em filosofia e trabalha como professora do ensino médio.

Poucos meses depois de casarem, Almudena ficou grávida, estavam felizes! E a alegria “duplicou-se” no segundo ultrassom: eram dois, tinham gêmeos! Luis recorda esse dia como se fosse ontem. Estavam no médico. Iam fazer o segundo ultrassom à sua mulher. Enquanto esperavam a vez para entrar na consulta, telefonaram-lhe do trabalho. E enquanto isso, chamaram-nos para entrar. Ele ficou fora uns minutos atendendo a ligação, e quando entrou, recebeu a notícia...

Luis explica o que sentiu nesse momento: “É como se de repente te chamassem e dissessem que você ganhou a loteria! É algo que você nunca espera, para o qual você não se prepara. De repente recebe a notícia e pronto. É uma autêntica loucura! Mas também é algo que deixa você em choque”. A seguir telefonaram a familiares e amigos mais próximos para compartilhar a notícia.

O primeiro problema

As semanas seguintes decorreram com normalidade. Até que poucos meses depois, numa consulta de rotina, a ginecologista detectou uma anomalia. Notou uma certa diferença de líquidos entre as bolsas, pelo que marcou com eles na semana seguinte para repetir o ultrassom e fazer um estudo mais exaustivo.

Almudena não se preocupou muito, e até foi nesse fim de semana para o

retiro como tinha previsto. Luis também não, mas já em casa, quando estava sozinho, fez aquilo que dizem que não se deve fazer: procurar na internet as implicações da possível anomalia que podiam ter, e digitou no Google “transfusão feto-fetal”. Nesse momento ficou em pânico. Mas logo se tranquilizou dizendo a si próprio que não continuasse a ler, que estava ficando obcecado, que os médicos tinham de fazer mais exames e que talvez não fosse nada.

O diagnóstico confirma-se

Passou o fim de semana e chegou a consulta. A ginecologista mudou de cara ao ver o ultrassom e mandou-os para Barcelona imediatamente. As suas suspeitas tinham-se confirmado, estavam perante um caso de transfusão feto-fetal. Esta anomalia consiste num desequilíbrio na placenta que faz com que num dos fetos entre mais líquido amniótico do

que deveria, e no outro, menos. Um tem de menos e outro em excesso; se não se corrige, os dois podem acabar morrendo ou ter sérios problemas de saúde para toda a vida. O habitual nestes casos é operar intrauterinamente para separar a placenta em dois e corrigir este desequilíbrio.

Nesse momento passaram “de uma razoável prudência de estar estudando a possibilidade de que houvesse um problema, para ter o problema à frente, com toda a sua dureza e de forma muito prematura”, recorda Luis. Tinham de ir nessa mesma tarde ao hospital de referência especializado nessa área, que ficava em Barcelona, para operar o quanto antes, porque se não, perdiam o menor. Ao sair do hospital, fizeram as malas e foram de carro para Barcelona cheios de dúvidas e de perguntas, de inquietações e sobretudo, de muito

medo. Luis criou um grupo de *WhatsApp* para informar familiares e amigos sobre a situação e pedir-lhes orações.

A caminho de Barcelona

Pelo caminho iam-se preparando para o pior, pensando no que fariam se chegasse o momento e os médicos sugerissem, por exemplo, cortar o cordão umbilical do mais fraco para tentar salvar o outro, porque era uma das situações que podia se apresentar. Queriam ter claras as suas respostas e a sua postura, porque depois tudo acontece muito rápido. De uma coisa tinham certeza: queriam fazer todo o possível para salvar os seus dois filhos, e que não podiam escolher entre a vida de um ou a do outro. Afinal de contas, eram pais dos dois e da mesma forma que lutariam por criá-los se uma vez nascidos ficassem doentes, dando-lhes alimento, medicamentos e

carinho, o fariam agora, no ventre materno.

Luis pensava em voz alta e dizia a Almu: “Imagina que fazemos isso e cortamos o cordão umbilical do mais fraco para garantir que assim sobrevive pelo menos um dos dois. Quando o tempo passar, como vou explicar a esse filho que cortei o cordão umbilical do irmão para que ele vivesse? Por que ele? E se tivesse sido ao contrário, e se ele tivesse sido o mais fraco?”. Pensar assim dava uma grande paz apesar da dureza de apostar por todos ou nenhum.

Tinham claro os parâmetros a seguir, e nesses parâmetros, apesar da incerteza e do sofrimento, estavam em paz. Eles não podiam escolher, a vida é sagrada e é preciso lutar por ela.

Almudena pensava: “Os médicos falam de probabilidades, mas não deixam de ser isso, dados numéricos

que podem ou não se realizar e ninguém tem a certeza do que vai acontecer. Se a um dão 77 % de probabilidades de que viva e ao outro 5 %, ninguém pode garantir que o de 5 % não o consiga! Temos que partir disso, de que aí há vida, e continuar a lutar por ela”, como foi.

Prematuros demais para uma cirurgia

Já em Barcelona explicaram-lhes detalhadamente o problema. Encontraram uma equipe médica excelente, tanto do ponto de vista humano como profissional. E em nenhum momento lhes colocaram essa opção temida. Os médicos iam lutar por salvar os dois. No entanto ainda não podiam operar, era cedo demais e envolvia riscos demais.

Deviam regressar a Pamplona, fazer exames de dois em dois dias no hospital para ver a evolução e aguentar todo o tempo que pudessem

até chegar o momento de operar. As instruções para Almudena foram repouso relativo, cadeira de rodas, não pegar peso, não fazer esforços e andar o mínimo, daí em diante, até ao final da gravidez. E apesar de ser uma mulher muito ativa e independente, assim fez sem perder o sorriso.

Duas semanas depois voltaram a Barcelona para a intervenção cirúrgica, que foi um sucesso. E regressaram novamente para Pamplona.

O poço e como saíram dele

Parecia que tinham deixado para trás o perigo, mas a calma durou pouco. No primeiro ultrassom de controle depois da operação, veem no monitor que as bolsas tinham se esvaziado! Para Luis e Almudena esse foi o pior momento de todos, de passar mal, de chorar, não entender. Luis sentiu que caía num poço. Um

poço do qual não teria conseguido sair sem estes três pontos de apoio: a sua família, os seus amigos e Deus.

Nessa tarde Luis foi chorar com o sacerdote do Opus Dei com quem falava de forma regular. Recorda ter experimentado uma grande paz depois dessa conversa, na qual se sentiu compreendido, apoiado e animado a não tirar os olhos da Cruz.

Se conseguiram aguentar esta situação foi porque tinham uma família e amigos que os acompanhavam com o seu carinho, a sua oração e proximidade, juntamente com o apoio em todo o momento das pessoas da Obra – a sua outra família, já que ambos são supernumerários –, que os ajudaram a enfrentar as coisas com a seriedade que tinha, mas com serenidade. Neles, de alguma forma, tocaram a proximidade de Deus.

Luis não pedia um milagre porque num dado momento entendeu que havia um plano de Deus, que ele desconhecia, mas que consistia em procurar dar testemunho.

Desconhecia qual seria, porque podia ser dar um testemunho de vida, de pais com dois filhos, de família unida, de família cristã; ou um testemunho de um casal que fez tudo o que tinha ao seu alcance para salvar os seus filhos, que rezou, que os colocou nas mãos de Deus e que por algo que não compreendem, por algum motivo não pôde acontecer, não tinham conseguido.

A sua fé não podia depender de que os seus filhos se salvasssem ou não. Se os filhos não sobrevivessem, ia deixar de acreditar em Deus? Deus só é bom quando acontecem as coisas que queremos? Se não, já não é bom? Claro que ele queria que vivessem e rezava também por isso, mas concentrou-se em pedir outra coisa:

pedia para aceitar a vontade de Deus. Uma vontade que podia não ser entendida, como a cruz, e se fosse esse o caso, pedia que ambos tivessem a fortaleza de poder carregá-la. Pedia que, se os seus filhos vivessem, fossem bons pais para eles; e que se os filhos morressem, fossem capazes de continuar a dar esse testemunho de fé e confiança em Deus, porque também aí Deus continuaria a ser bom, continuaria a ser um Pai que os ama com loucura e que não os abandona.

Para Almudena implicou algumas mudanças. Não só teve de deixar de trabalhar, mas também dependia de alguém que lhe empurrasse na cadeira de rodas para sair à rua. Desse modo, as outras supernumerárias do seu centro revezavam para a acompanhar à Missa, distraí-la com a música, tirá-la de casa, ir tomar alguma coisa para

mudar de ares... Assim como os amigos, que estiveram sempre muito atentos. Os sogros também foram um grande apoio, indo morar com eles para ajudá-los com as coisas da casa.

A sua meta era aguentar desde o final de abril até o fim de agosto para não ter um parto prematuro demais. E assim foi. Desde a semana 18 até à 30 foi uma batalha de resistência que passou de ser uma situação má para uma evolução positiva. Cada semana que ganhavam, era uma vitória. E essas bolsas vazias, acabaram ficando novamente cheias. Os médicos, depois, confessaram-lhes que não acreditavam nada nos gêmeos, que pensavam que não iam sobreviver. E, aqui estão!

A cruz das botinhas e São Josemaria

Quando começaram as complicações na gravidez, Luis e Almu puseram as botinhas que uma das suas avós

tinha lhes dado na cruz do seu quarto, para a qual tantas vezes olhavam – ao entrar e sair do seu quarto, ao deitar-se e ao levantar-se, etc. – uma em cada braço do Senhor crucificado. Era um recurso humano, uma recordação de que os seus filhos não eram seus, eram um dom de Deus que eles protegiam, e estavam nas suas mãos.

Almudena começou a pedir a intercessão de São Josemaria com uma petição muito ambiciosa. Também Josemaria, quando era pequeno, teve um problema de saúde para qual os médicos não davam esperança e os seus pais ofereceram-no à Nossa Senhora de Torreciudad pedindo a sua cura, salvou-se e depois foi São Josemaria; ela pedia-lhe pelos seus filhos, mas não só que sobrevivessem, mas que se isso acontecesse fossem santos como ele.

Se os nossos filhos estão aqui é para fazer coisas grandes

E chegou o dia do parto programado por cesariana. Josetxo e Luisfer, contra todo o prognóstico, viram pela primeira vez o rosto dos seus pais e os seus pais, o deles. Esse momento fez com que tudo o que tinha acontecido anteriormente, tivesse valido muito a pena.

E como se aguentaram sendo principiantes com duas crianças de uma vez? Como puderam, simplificando muito e focando no importante. Com tudo o que tinham lutado e passado com eles durante a gravidez, pensando que poderiam perde-los, o resto é tão relativo...! Por isso provavelmente não foram tão pesadas as noites sem dormir dando mamadeiras de duas em duas horas durante as primeiras semanas para que ganhassem peso, ou trocar fraldas e lavar roupa sem parar, os

choros desconsolados às diversas horas do dia... e tudo o que um recém-nascido necessita e reclama de cuidados materiais, mas em dobro.

Luis e Almu têm muito claro que se os seus filhos estão aqui, neste mundo, é para fazerem coisas grandes, porque houve momentos nos quais estiveram mais fora do que dentro da equação. Vê-los agora, a cada dia que passa, é um autêntico presente.

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/a-minha-fao-podia-depender-de-os-meus-filhos-se-salvarem-ou-nao/> (22/01/2026)